

Economia Donut: Breve Análise Crítica do Modelo de Kate Raworth

Marc Jacquinet

Outubro de 2025; uc 43018

CC-BY-NC

Texto elaborado ao longo de 2020 a 2025. Faz parte do manual do tópico 1 “História Económica da Globalização” da uc de Globalização Económica e Contestação Social.

Este texto é uma introdução ao modelo da economia donut de Kate Raworth (doughnut economics) que se quer breve para incentivar o debate e a discussão dos problemas contemporâneos da economia tal como o desenvolvimento, o crescimento, as desigualdades, as alterações climáticas e o uso dos recursos naturais. Neste último ponto, salienta-se o esgotamento dos recursos naturais e os limites finitos do planeta. Está inserido na uc 43018, módulo 1.

Resumo

A Economia Donut, proposta pela economista britânica Kate Raworth, constitui um quadro conceptual inovador que desafia os pressupostos fundamentais da macroeconomia neoclássica contemporânea. Através de uma metáfora geométrica intuitiva, o modelo oferece uma perspectiva alternativa sobre o desenvolvimento económico sustentável e equitativo, integrando dimensões sociais, ambientais e económicas. O presente trabalho examina criticamente este conceito, analisando a sua fundamentação teórica, aplicabilidade prática e limitações, bem como a sua recepção na comunidade académica e nas políticas públicas.

Palavras-chave: Economia Donut; Desenvolvimento Sustentável; Pensamento Económico Alternativo; Limites Planetários; Justiça Social

1. Introdução

A crise económica global de 2008, a aceleração das alterações climáticas e o aprofundamento das desigualdades socioeconómicas têm fomentado uma crítica generalizada aos modelos económicos convencionais. Neste contexto, emergem propostas teóricas inovadoras que questionam os pilares do crescimento económico ilimitado como objetivo supremo das políticas públicas. A Economia Donut, desenvolvida por Kate Raworth e publicamente apresentada em 2012, constitui uma destas abordagens, oferecendo uma reinterpretação radical da relação entre economia, sociedade e ambiente.

O conceito surge da constatação de que os modelos económicos tradicionais ignoram sistematicamente dois conjuntos de limites: os limites planetários, determinados pela capacidade do ecossistema terrestre suportar a atividade económica, e um piso social mínimo, representado pelos direitos humanos e necessidades básicas que garantem a dignidade e o bem-estar. Raworth argumenta

que a economia deve operar numa zona segura entre estes dois limites, evitando tanto o colapso ambiental como a privação social.

2. Fundamentação Teórica da Economia Donut

2.1 Crítica ao Paradigma do Crescimento Económico

A Economia Donut alicerça-se numa crítica abrangente ao paradigma do crescimento económico infinito, que tem dominado a política macroeconómica desde meados do século XX. Raworth argumenta que a obsessão com o Produto Interno Bruto (PIB) como métrica única de progresso económico produz distorções significativas nas prioridades políticas e sociais. Esta crítica não é exclusiva de Raworth; académicos como Tim Jackson e Diane Coyle têm igualmente questionado a adequação do PIB como indicador de bem-estar social.

A autora sustenta que o crescimento económico, tal como convencionalmente medido, pode ocorrer simultaneamente com o aumento da pobreza, da poluição e da degradação ambiental. O PIB, sendo uma métrica puramente quantitativa, não diferencia entre atividades económicas benéficas e prejudiciais. Assim, investimentos em remediação ambiental, cuidados de saúde ou educação contribuem igualmente para o PIB como investimentos em indústrias extractivas ou em setores ambientalmente destrutivos.

2.2 Os Limites Planetários

A conceção dos limites planetários na Economia Donut baseia-se na investigação científica desenvolvida por Johan Rockström e colegas, que identificaram nove limites críticos que definem um "espaço operacional seguro para a humanidade". Estes limites abrangem alterações climáticas, perda de biodiversidade, perturbação dos ciclos de nitrogénio e fósforo, depleção do ozono estratosférico, acidificação oceânica, utilização de água doce, mudanças no uso da terra, poluição química e poluição atmosférica.

Raworth integra estes limites planetários no seu modelo, argumentando que ultrapassá-los representa um risco existencial para o sistema ecológico global e, por conseguinte, para a sustentabilidade da civilização humana. O modelo reconhece que a análise quantitativa destes limites permanece sujeita a incertezas científicas significativas e que diferentes regiões geográficas apresentam capacidades diferenciadas para suportar atividade económica sem comprometer a viabilidade ecológica.

2.3 O Piso Social: Direitos Humanos e Necessidades Básicas

O piso social do modelo Donut compreende dimensões fundamentais do bem-estar humano que devem ser garantidas a toda a população. Raworth identifica onze áreas críticas: alimento, água e saneamento, energia, género, educação, saúde, renda e trabalho, redes sociais, habitação, equidade e governança democrática.

Este enquadramento alinha-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e com as tradições filosóficas de justiça distributiva. Contrariamente ao paradigma convencional que pressupõe que o crescimento económico automaticamente beneficia os estratos mais pobres da

população (teoria do "trickle-down"), o modelo Donut coloca explicitamente a erradicação da privação no centro da agenda económica.

3. Estrutura Conceptual e Representação Geométrica

A representação visual da Economia Donut através de dois círculos concêntricos constitui um elemento central da sua comunicação e difusão pública. O círculo interior representa o piso social, delineando as necessidades humanas mínimas. O círculo exterior delimita os limites planetários. A zona entre os dois círculos define o "espaço seguro e justo" onde a actividade económica humana deveria operar.

Esta metáfora geométrica oferece vantagens consideráveis em termos de comunicação pública e educação, tornando conceitos económicos complexos acessíveis a públicos não-especializados. Contudo, a elegância visual não deve obscurecer as simplificações que a representação geométrica introduz. Os limites não são verdadeiramente circulares, mas apresentam geometrias multidimensionais complexas; diferem significativamente entre regiões geográficas; e interagem de forma não-linear e frequentemente não-previsível.

A representação também sugere uma equivalência dinâmica entre os diferentes limites planetários e sociais, quando na realidade existem interdependências assimétricas e trade-offs complexos entre dimensões. Por exemplo, a transição para energias renováveis pode exigir recursos minerais cujo aprovisionamento gera impactes ambientais e sociais substanciais.

4. Análise Crítica e Limitações Conceptuais

4.1 Problemas de Quantificação e Operacionalização

Uma crítica fundamental ao modelo Donut centra-se nas dificuldades metodológicas de quantificar tanto os limites planetários como o piso social. Embora Rockström e colegas tenham proposto métricas específicas para os limites planetários, estas permanecem controversas e sujeitas a revisão contínua à medida que a compreensão científica avança. Não existe consenso científico sobre os valores precisos para muitos destes limites, particularmente para dimensões como perda de biodiversidade ou poluição química.

Relativamente ao piso social, os desafios são ainda mais pronunciados. Determinar níveis quantitativos adequados para direitos humanos fundamentais envolve julgamentos normativos substanciais que transcendem a análise empírica pura. A definição de "educação adequada" ou "saúde satisfatória" varia culturalmente e filosoficamente, complicando a sua operacionalização em políticas públicas concretas.

4.2 Questões de Distribuição Espacial e Responsabilidade Histórica

O modelo Donut, na sua formulação genérica, não diferencia adequadamente entre a distribuição desigual de responsabilidades históricas pelo excesso dos limites planetários. Os países industrializados do Norte Global consumiram proporcionalmente muito mais recursos e emitiram

proporcionalmente mais emissões de carbono ao longo do processo de industrialização, enquanto que o piso social necessário varia consoante contextos socioeconómicos específicos.

Esta questão levanta questões profundas sobre equidade intergeracional e intra-geracional. Um ordenamento espacializado da Economia Donut, que reconheça o "espaço de carbono" diferenciado disponível a diferentes países e comunidades, seria conceitualmente mais rigoroso, mas simultaneamente mais complexo de operacionalizar.

4.3 Dinâmica Política e Ecologia Política

A Economia Donut, enquanto construção teórica, não oferece uma análise aprofundada dos mecanismos políticos e de poder que facilitam ou obstruem a sua implementação. A transição de um modelo económico a outro não constitui um exercício meramente técnico, mas envolve conflitos substantivos de interesse e redistribuição de poder.

A teoria económica marxista e a ecologia política contemporânea têm demonstrado que as relações de poder baseadas na apropriação de recursos naturais e na exploração laboral constituem características estruturantes das economias capitalistas contemporâneas. Sem uma análise e intervenção político-institucional aprofundadas nestes mecanismos de poder, a mera adoção de novos quadros conceptuais pode resultar em cooptação ideológica sem transformação substantiva.

4.4 Incompatibilidade com o Capitalismo Contemporâneo

Críticos argumentam que a Economia Donut, quando totalmente implementada, seria fundamentalmente incompatível com estruturas económicas capitalistas baseadas na acumulação contínua de capital. Se o crescimento económico é limitado pelos limites planetários e pelo imperativo de não ultrapassar o piso social, então o "capital excedente" gerado economicamente não poderia ser reinvestido em processos de acumulação expandida.

Esta tensão teórica levanta questões profundas sobre a viabilidade política da Economia Donut dentro de sistemas económicos capitalistas. Alguns autores sugerem que seria necessária uma transformação económica mais abrangente, envolvendo alterações nas estruturas de propriedade, nos mecanismos de governança económica e nos princípios distributivos fundamentais.

5. Recepção Académica e Prática Política

5.1 Apoio e Adoção em Políticas Públicas

A Economia Donut tem beneficiado de recepção significativa por parte de tomadores de decisão e académicos progressistas. A cidade de Amesterdão adotou formalmente o quadro Donut como base para a elaboração de políticas de economia circular em 2020. Bruxelas e outras cidades europeias igualmente exploraram a aplicação do modelo em contextos políticos locais.

Esta adoção política, embora simbólica em muitos aspectos, representa o reconhecimento crescente de que os modelos económicos convencionais apresentam deficiências fundamentais na abordagem de desafios contemporâneos. O sucesso relativo na divulgação pública do modelo demonstra a potencial receptividade social a paradigmas económicos alternativos.

5.2 Críticas Académicas Substantivas

A comunidade académica permanece dividida quanto ao mérito e viabilidade da Economia Donut. Alguns académicos louvam a sua contribuição para questionar pressupostos convencionais e para integrar dimensões ambientais e sociais na análise económica. Outros, particularmente economistas da tradição neoclássica, criticam a falta de rigor matemático formal e a aparente rejeição da análise microeconómica convencional.

Economistas ambientais têm levantado questões técnicas sobre a compatibilidade entre a Economia Donut e modelos de contabilidade ambiental existentes. Investigadores em desenvolvimento sustentável têm igualmente questionado se o modelo oferece suficiente orientação prática para a transformação de sistemas económicos reais.

5.3 Lacunas Teóricas em Relação a Outras Tradições

Uma lacuna notável consiste na integração incompleta da Economia Donut com outras tradições de pensamento económico crítico e alternativo. O modelo não dialoga suficientemente com a economia ecológica, a economia socialista, a economia feminista ou a economia institucional. Estas tradições oferecem análises complementares que poderiam enriquecer significativamente a Economia Donut, particularmente no que concerne aos mecanismos de poder e às dinâmicas de distribuição.

6. Direções Futuras e Potencialidades

6.1 Refinamento Metodológico

O desenvolvimento futuro da Economia Donut necessita de investimento substantivo em refinamento metodológico. Isto inclui o desenvolvimento de métricas mais sofisticadas para os limites planetários, a diferenciação espacial e sectorial destes limites, e a quantificação mais rigorosa do piso social.

A integração de modelos de dinâmica de sistemas e de simulação computacional poderia permitir a análise de trade-offs complexos e de efeitos não-lineares que a representação geométrica actual não captura adequadamente.

6.2 Articulação com Políticas de Transição Justa

Uma contribuição potencial substancial da Economia Donut consiste na sua capacidade de informar políticas de transição económica que balanceiam imperativos ambientais com dimensões de justiça social. O reconhecimento simultâneo de limites planetários e de direitos sociais oferece fundações para políticas que não sacrifiquem o bem-estar presente à sustentabilidade futura, nem vice-versa.

6.3 Aplicabilidade em Contextos de Desenvolvimento Global Desigual

A Economia Donut oferece potencial particular para informar estratégias de desenvolvimento em economias em desenvolvimento, onde existe frequentemente compatibilidade maior entre imperativos de alívio da pobreza e constrangimentos ambientais do que em economias industrializadas plenamente desenvolvidas.

7. Conclusão

A Economia Donut de Kate Raworth constitui uma contribuição significativa para o pensamento económico contemporâneo, oferecendo um quadro conceptual que integra sistematicamente dimensões ambientais e sociais numa agenda de transformação económica. O modelo questiona pressupostos fundamentais do paradigma económico neoclássico e oferece uma base para reimaginar o propósito e os constrangimentos da actividade económica.

Contudo, o modelo não se encontra isento de limitações conceituais substanciais. As dificuldades de quantificação, a insuficiente análise de dinâmicas políticas e de poder, a potencial incompatibilidade com estruturas capitalistas, e a necessidade de maior diálogo com outras tradições de pensamento económico crítico constituem desafios que requerem investigação e desenvolvimento teórico contínuo.

A real contribuição futura da Economia Donut dependerá não apenas da sofisticação conceitual do modelo, mas igualmente da capacidade de mobilizar estruturas políticas, institucionais e sociais que permitam a sua implementação material. A teoria económica, por mais rigorosa que seja, permanece ineficaz sem a transformação correlata das relações de poder e das estruturas institucionais que suportam regimes económicos específicos.

Assim, a Economia Donut deve ser compreendida não como uma solução completa para os desafios económicos, ambientais e sociais contemporâneos, mas como um ponto de partida heurístico valioso para um diálogo contínuo sobre a reimaginação de sistemas económicos mais equitativos e ecologicamente viáveis, ultrapassando várias limitações da economia neoclássica.

Referências Bibliográficas

Coyle, D. (2014). *GDP: A Brief but Affectionate History*. Princeton University Press.

Hickel, J. (2020). *Less is More: How Degrowth Will Save the World*. William Collins.

Jackson, T. (2009). *Prosperity without Growth: Economics for a Finite Planet*. Earthscan.

Meadows, D. H., Meadows, D. L., Randers, J., & Behrens III, W. W. (1972). *The Limits to Growth*. Universe Books.

Nussbaum, M. C. (2011). *Creating Capabilities: The Human Development Approach*. Harvard University Press.

O'Neill, D. W., Fanning, A. L., Lamb, W. F., & Steinberger, J. K. (2018). A Good Life for All within Planetary Boundaries. *Nature Sustainability*, 1(2), 88-95.

Piketty, T. (2014). *Capital in the Twenty-First Century*. Harvard University Press.

Raworth, K. (2012). A Safe and Just Space for Humanity: Can We Live within the Doughnut? *Oxfam Discussion Papers*, 1-26.

Raworth, K. (2017). *Doughnut Economics: Seven Ways to Think Like a 21st-Century Economist*. Chelsea Green Publishing.

Rockström, J., Steffen, W., Noone, K., Persson, Å., Chapin III, F. S., Lambin, E. F., ... & Foley, J. A. (2009). A Safe Operating Space for Humanity. *Nature*, 461(7263), 472-475.

Sen, A. (1999). *Development as Freedom*. Oxford University Press.

Steffen, W., Richardson, K., Rockström, J., Cornell, S. E., Fetzer, I., Bennett, E. M., ... & Sorlin, S. (2015). Planetary Boundaries: Guiding Human Development on a Changing Planet. *Science*, 347(6223), 1259855.

United Nations Development Programme. (2015). *Transforming Our World: The 2030 Agenda for Sustainable Development*. United Nations.

Victor, P. A. (2008). *Managing without Growth: Slower by Design, Not Disaster*. Edward Elgar Publishing.

Zuboff, S. (2019). *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. PublicAffairs.